

Hélia Correia

Adoecer

Relógio d'Água

Real e imaginada, Elizabeth Siddal (Lizzie) continua a suscitar paixões, no sentido de desvendar-se a essência de um ser tão enigmático que marcou as singularidades dos pré-rafaelistas (pintores de meados do século XIX) e deles foi a mais famosa modelo, seguindo também ela os caminhos da pintura e literatura. O novo romance de Hélia Correia, *Adoecer*, desenrola-se em torno dessa misteriosa mulher de cabelos ruivos, "fulgor indomável", que "abriu um fosso à sua volta, intransponível (...) porque receava que o seu corpo fosse mais dado ao fatalismo do que ela".

Vinda de um meio social humilde (capelista), a tímida Lizzie "encarnou sem qualquer esforço" o "ideal feminino dos românticos". Esta obra de Hélia articula admiravelmente o vigor da efabulação com o registo biográfico, ressaltando uma abundante pesquisa que referencia particularmente a Inglaterra vitoriana, não se fechando, contudo, em dados históricos ou no pormenor de lugares e costumes. Falamos de uma narrativa avassaladora, na qual a arte e a doença se constituem personagens gémeas nos seus jogos prodigiosos de emoções e de estética, alimentando-se ambas da "poética da morte". A própria fragilidade de Lizzie (que o mecenas Ruskin quis proteger, libertando-a da condição de modelo) confundia-se numa "mistura de erotismo e morte" que lhe acentuava a sedução. "Havia nela o que precede o tempo, uma certa rudeza inaugural (...) ". Adoecia com "elegância", às vezes "esquecia-se de adoecer".

Depois de haver posado para Deverel e Hunt, Lizzie é retratada por Millais no famoso quadro "Ofélia". Diz-se que a obrigou a estar mergulhada, horas sem conta, numa banheira com água fria. E o sangue anémico piorou. A lenda do resfriamento permanece; a

tuberculose e a dependência do láudano sepultaram-na em 1862, todavia os médicos chegaram a intrigar-se, admitindo “um fenómeno de autoindução”, uma doença fatal chamada Dante Gabriel Rossetti, o pintor-poeta que celebrizou Lizzie na tela “Beata Beatrix”. (As páginas de *Adoecer* abrem com um desenho de Rossetti espelhando a sua “pupila”, e a capa, assinada por Carlos César, inspira-se igualmente num trabalho deste artista que nos traça a delicadeza de Elizabeth Siddal).

A relação de Lizzie e Rossetti define-se por um amor estranho, à margem do padronizado. Ele não estava preso a ela para salvar a “pecadora” (não cumpria o “mito pré-rafaelista do resgate”). Eram “seres destinados ao amor e unidos pela arte”. Porém, Rossetti fugia. Tinham, no entanto, “o dom do recomeço”. Acabariam por casar-se (1860). Lizzie morreu em 1862. Os poemas de Rossetti deixados no caixão da amada foram exumados (1869). Publicaram-se no ano seguinte.

Hélia Correia habituou-nos a uma escrita exímia, fascinante. Recordem-se, entre outros, títulos como *A Casa Eterna* ou *Lillias Fraser*. Mas nunca uma personagem pertenceu tanto a Hélia como Lizzie. *Adoecer* é um livro para sempre.